



ATAS da Sociedade Botânica do Brasil

secção **RIO de JANEIRO**

CAIXA POSTAL 34031 — RIO DE JANEIRO, RJ — 22472

Vol. I

15 de novembro de 1981

Nº 1

APRESENTAÇÃO

A Sociedade Botânica do Brasil, em seu Regimento Interno, prevê as atividades das secções estaduais. A do Rio de Janeiro tem realizado reuniões mensais e jornadas anuais. Iniciamos aqui a publicação das Atas de suas reuniões, sempre que existirem trabalhos originais de seus associados.

Várias Atas, independentes de seu número, constituirão um volume, com mais de 100 páginas.

As flores acima estilizadas representam o ipê-amarelo — *Tabebuia vellosii* Toledo (Bignoniaceae) — presente no símbolo da Sociedade Botânica do Brasil.

A I Jornada Fluminense de Botânica teve lugar no Rio de Janeiro, de 13 a 15 de outubro de 1980; a II Jornada, em Nova Friburgo, de 13 a 15 de novembro de 1981.

DÁRDANO DE ANDRADE LIMA

(1919-1981)

Graziela Maciel Barroso *

DÁRDANO DE ANDRADE LIMA faleceu, repentinamente, no dia 13 de setembro do corrente ano, em Aracaju, Estado de Sergipe, deixando uma grande lacuna no meio científico brasileiro.

Fez sua entrada na Botânica pelas portas da Sistemática, tendo se distinguido no estudo das plantas de Pernambuco, principalmente as Leguminosas. Dedicou-se depois às pesquisas fitogeográficas, tendo armazenado conhecimento muito vasto sobre áreas secas.

Visitara, pouco tempo antes, a região do Chaco, a fim de complementar dados que justificassem a hipótese que levantara, da identidade das floras dessa região e das caatingas do Brasil.

Voltou satisfeito, pois encontrara elementos que confirmavam a sua previsão, e pretendia voltar ainda uma vez mais, e estender sua viagem até o Porto Murtinho, Estado de Mato Grosso do Sul, para obter maiores informações.

No dia 12 de setembro, em Aracaju, durante o Encontro de Botânicos Nordestinos, promovido pela Seção do Nordeste da Sociedade Botânica do Brasil; expôs brilhantemente o roteiro das viagens realizadas ao Chaco da Argentina e do Paraguai, as dificuldades de acesso e o sucesso alcançado. Narrou em linguagem simples e fluente, cheia de entusiasmo, o que significara para ele o encontro de *Auxema*, *Amburana* e outros gêneros das caatingas, lá em Cerro Leon.

Sua vida foi um exemplo de amor à Natureza e dedicação ao estudo de Botânica. Morreu no auge de sua carreira, quando havia alcançado soma vultosa de conhecimentos, que não se perderão, pois soube orientar discípulos que, por certo, hão de continuar o trabalho do Mestre.

* Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Bolsista do CNPq.

CONSERVAÇÃO DA FLORA: SALVEMOS O QUE RESTA!

J. P. P. Carauta *, J. C. de Andrade *, M. C. Vianna *, G. V. Somner *, R. R. de Oliveira *, F. Capela Alves *, H. F. Martins *, M. B. Casari **, C. M. Lira Jannuzzi ** & E. S. F. da Rocha **.

RESUMO

Embora a necessidade de preservar os ecossistemas seja mais importante do que a dos indivíduos em si, o estudo das espécies ameaçadas serve de alerta e exemplo às autoridades das desastrosas conseqüências da extinção de espécies.

SUMMARY

Although the need for ecosystem conservation is emphasized rather than the preservation of individual species, the study of endangered plants serves as a warning to authorities of the calamitous consequences of extinction of species (Versão : Garry Nelson).

* Centro de Botânica, DECAM-FEEMA, Estrada da Vista Chinesa, 741, Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ, 20531.

** Bolsista do CNPq.

“Nunca floresceu com tanta pujança, como hoje, a inteligência humana; jamais se usufruiu tão elevado progresso material; jamais se forjaram nos laboratórios tantas ferramentas para libertação e a dignificação da humanidade — contudo, nunca houve tanta dor e tanta miséria sobre a Terra e nunca o homem foi, enfim, mais desgraçado... É já pequena, a nossa pobre e velha Terra, para conter a inquietação humana” (2).

Em todos os países do mundo vem surgindo agora, uma nova consciência ecológica.

A construção de um prédio de apartamentos na Rua Faro, bairro do Jardim Botânico, Rio de Janeiro, parecia não correr perigo algum até 1979. Havia de fato uma figueira centenária, próxima ao meio-fio, obstáculo a ser removido dentro em breve. Todavia, assim não pensou a Associação dos Moradores do Jardim Botânico, que passou a defender a conservação do vetusto exemplar da família das moráceas, mantendo-o de pé e íntegro até hoje.

Travou-se uma acirrada polêmica tanto na esfera jurídica quanto através de jornais, destacando-se numerosas notícias de julho a setembro de 1980.

Tal fato, a defesa de uma enorme árvore centenária, parece a muitos um caso raro, inusitado, um despropósito no raciocínio de uma pessoa adulta.

Parece ridículo que um peixinho de três polegadas faça parar a construção de uma represa pela qual os contribuintes pagaram mais de 100 milhões de dólares, disse um congressista norte-americano, expressando a opinião de alguns de seus compatriotas. Tratava-se da Represa de Tellico, no Rio Pequeno Tennessee, quase pronta em 1973 e cuja construção levou vários anos. Sucede, porém, que em 12 de agosto daquele mesmo ano, um biólogo da Universidade do Tennessee descobriu uma espécie rara de peixe nesse rio e a Lei sobre a defesa de espécies raras ou ameaçadas, em vigor nos E.U.A., foi aplicada na suspensão da obra de construção da represa.

Assim, os dois exemplos citados — uma árvore e um peixe — representam uma parcela mínima da batalha conservacionista que se trava em nosso planeta.

Dentre os seres vivos, nenhum apresenta maior valor para o Homem, ou tem maior importância para sua sobrevivência, do que a planta. Conhecem-se cerca de 200 mil espécies de Angiospermas (4) e muitas delas acham-se praticamente desconhecidas quanto a suas potencialidades econômicas.

O aumento progressivo da pressão populacional coloca em perigo as áreas naturais remanescentes, de nosso planeta e tem ocasionado a extinção de vários animais e plantas a cada ano (8). A flora de muitas regiões brasileiras e até mesmo dos Estados mais populosos, como o Estado do Rio, ainda mostra-se pouco conhecida e urge recrutar biólogos para os adequados planos de desenvolvimento.

A cada ano extinguem-se cerca de 200 espécies de plantas (10) e a responsabilidade coletiva, tanto das autoridades quanto de toda a população, torna-se grave.

Algumas vezes descobrem-se utilidades para espécies quase extintas ou até mesmo desprezadas, como a famosa jojoba (*Simmondsia chinensis*), portadora de um óleo que substitui perfeitamente o da baleia. Exemplos como este justificam plenamente os trabalhos de conservação da flora, especialmente os que envolvem usos medicinais ou alimentares (4).

Se o número de biólogos brasileiros estudando a nossa flora é irrisório, muito menor, ainda, é aquele dos interessados em trabalhos de conservação ambiental, neste país que é talvez o mais vasto campo de pesquisas biológicas do mundo (2).

Nos trabalhos escritos pela maioria de nossos botânicos acham-se ocultas muitas informações de caráter conservacionista e seriam monografias utilíssimas se apresentadas de outra forma (9). Este é o motivo pelo qual nas revisões da Flora Neotrópica, torna-se imprescindível a abordagem do aspecto conservacionista.

A descoberta de uma nova espécie de gramínea, no México, em 1978, passaria despercebida se não tivesse sido divulgada pelos meios conservacionistas como "um novo milho selvagem", importantíssimo para estudos genéticos (1).

Em muitos países verificou-se que espécies, antes comuns, tornaram-se raras ou ausentes (11). Intensas coletas realizadas por biólogos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, como João G. Kuhlmann, A. P. Duarte, Dimitri Sucre, Edmundo Pereira e, mais recentemente, Gustavo Martinelli, demonstraram que espécies encontradas comumente no Estado do Rio, na primeira metade do século, não mais são vistas, como por exemplo: **Maclura tinctoria**, **Ficus lanuginosa** e **Pavonia alnifolia**.

A União Internacional para a Conservação da Natureza estabeleceu as seguintes categorias para o estudo e aplicação em todos os táxons de plantas: **extinta**, **ameaçada**, **vulnerável**, **rara**, **indeterminada**, **pouco conhecida** e **fora de perigo**.

EXTINTA

Esta categoria é usada somente para os táxons que não mais existem em estado selvagem, após inúmeras buscas na localidade típica e em outros locais conhecidos ou onde ainda possa ocorrer (4).

AMEAÇADA

É a espécie em perigo de extinção e cuja sobrevivência é improvável se os fatores responsáveis continuarem operando. Incluem-se nesta categoria os táxons cujo número haja diminuído a um nível crítico ou cujos **habitats** tenham sido tão drasticamente reduzidos que eles podem ser considerados como estando em perigo de extinção (4).

Acham-se essas espécies com as populações em declínio susceptíveis de serem eliminadas pela introdução de predador ou competidor exótico, ou ainda cujo **habitat** esteja em processo de alteração ou sendo destruído.

Para nós, acha-se ameaçado qualquer táxon em perigo de extinção devido a um desequilíbrio ecológico.

VULNERÁVEL

Consiste num táxon a ser incluído em futuro próximo na categoria de ameaçado se os fatores atuantes continuarem operando. Incluem-se as espécies cujas populações, no seu total ou pelo menos em sua maioria, estejam em decréscimo por causa da exploração excessiva, destruição intensiva ou outro distúrbio do meio-ambiente; táxons cujas populações tenham sido seriamente degradadas (diminuídas) e cuja proteção ainda não foi assegurada e táxons cujas populações ainda são abundantes, porém, seriamente ameaçadas em toda parte, por fatores adversos (12).

Em nossa opinião, são vulneráveis as espécies cuja propagação seja naturalmente difícil e cujo mecanismo de germinação seja desconhecido, assim como aquelas cuja propagação e desenvolvimento sejam lentos e também os que possuam baixo rendimento de biomassa, mas que são exploradas pelo homem, em paralelo com espécies mais produtivas, as quais tomam aos poucos o seu lugar.

RARA

Uma espécie é rara quando apresenta populações restritas que não estão até o presente ameaçadas ou vulneráveis, mas há possibilidade de risco, por estarem localizadas em áreas geográficas ou **habitats** restritos ou se distribuírem esparsamente numa área mais extensa (12). Trata-se de um táxon pobre em indivíduos, os quais podem estar em uma área restrita ou distribuídos por uma região extensa (7). Geralmente não é encontrado dentro de sua área de ocorrência por aqueles que possuem a capacidade de reconhecê-lo na natureza (3).

Podemos classificar as espécies raras em normalmente raras, ou rarefeitas pela ação humana.

Os táxons normalmente raros, apresentam poucos indivíduos tanto em vasta área quanto em pequena área, ou mostram-se endêmicos.

Os táxons rarefeitos pela ação humana, como o próprio nome indica, assim se tornaram por uma exploração inadequada.

INDETERMINADA

Espécie conhecida por ser ameaçada, rara ou vulnerável, mas não há informação suficiente para se afirmar a qual categoria pertença (4).

POUCO CONHECIDA

Espécie que não se pode afirmar com certeza, pertencer às categorias aqui referidas, por falta de informação (4).

FORA DE PERIGO

Espécie anteriormente incluída nas categorias de ameaçada, rara ou vulnerável, mas que agora é considerada relativamente segura, por causa de medidas efetivas de conservação que tenham sido tomadas ou por causa da remoção das ameaças à sua sobrevivência (4).

SINGULAR

Sob o ponto-de-vista biológico, todo o organismo é singular. Incluem-se nesta categoria as espécies que excitam a imaginação por sua beleza, exotismo ou aspecto fora do comum (3).

DESPREZADAS

São espécies que, por apresentarem caracteres não atrativos ou mesmo inconvenientes ao homem, como por exemplo muitos espinhos, são logo eliminadas quando seu **habitat** é invadido. Incluem-se aqui, também, as espécies que, por não apresentarem usos imediatos para o homem, são consideradas inúteis e eliminadas indiscriminadamente.

LITERATURA CITADA

- 1 — AYENSU (1980, The TPC — SI Latin American Programme. Threatened Plants Committee-Newsletter 6: 2-5.
- 2 — CARAUTA, J.P.P. (1981), Biólogo — um privilégio de poucos ou oportunidade para muitos? *Eugeniana* 2:14-15
- 3 — DU MOND, D.M. (1973) A guide for the selection of rare, unique and endangered plants. *Castanea* 38: 387-395
- 4 — LUCAS, G.L. & SYNGE, A.H.M. (1977) The IUCN threatened plants committee and its work throughout the world. *Environmental Conservation* 4(3): 179-187.
- 5 — MELVILLE, R. (1970-71) Red Data Book: Angiospermae. IUCN, Morges, Switzerland.
- 6 — NATIVIDADE, J.V. (1976) O culto da natureza. Secretaria de Estado do Ambiente. Lisboa: 1-69.
- 7 — PIRES, F.D. de A. (1968) Causas e fatores de extinção das espécies in A conservação da natureza e a imprensa na América Latina II: 1-5. Rio de Janeiro.
- 8 — PRANCE, G.T. (1976) Threatened and endangered plants in the Americas. *Bioscience* 26(10): 633-634.
- 9 — PRANCE, G.T. (1979) Exploitation and conservation in Brazil-Systematic Botany, plant utilization and biosphere conservation. I: 146-149. Stockholm.
- 10 — SCHWARTZ, E. (1979) The great green hope. *The Rotation* 30: 32-33.
- 11 — SILVA, A. R. P. da (1980) Plantas em perigo. *Bol. Com. Nac. Amb.* 6 (4-6) anexo 1.
- 12 — UICN. Threatened Plants Committee Secretariat (1980) How to use the UICN rede data book categories 1-9. Kew, Richmond.

